

Referência: ANDRADE, Claudiana Ribeiro dos Santos; MARIHAMA, Diego Kenji de Almeida Marihama. Como as metodologias ativas apresentadas no processo de transformação da Educação?. In: Metodologias ativas: diferentes abordagens e suas aplicações. Valdir Lamim-Guedes(Org.). São Paulo: Na Raiz, 2021. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.4628554

1. COMO AS METODOLOGIAS ATIVAS CONTRIBUEM NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO?

**CLAUDIANA RIBEIRO DOS SANTOS ANDRADE
DIEGO KENJI DE ALMEIDA MARIHAMA**



Introdução

A educação está vinculada ao contexto social, reflexo disso é que cada tendência pedagógica e abordagens metodológicas surgem para atender as demandas que também são sociais, a tendência tradicional atendeu as demandas de um momento histórico em que as informações e as formas de comunicação não eram tão fluidas.

As metodologias ativas estão cada vez mais em pauta, justamente por levarem em conta essa fluidez trazendo concepções relativas à emancipação do sujeito, elucidando o compromisso com aspectos como colaboratividade, autonomia, responsabilidade, criticidade e empatia. É perceptível um contexto social cada vez mais fluido. O que assevera Bauman (2006), quando retrata o cenário educacional e a sociedade como articuladora das mudanças de comportamento.

Trazendo para a educação uma conduta cada vez mais proativa no processo de ensino e aprendizagem, capaz de mobilizar situações complexas para resolver problemas da vida cotidiana, adotando uma postura aberta ao diálogo, híbrida, flexível, plural, digital e ativa.

Justamente por isso as metodologias ativas se tornam fundamentais quando nos referimos ao processo de transformação da educação, estando a escola vinculada a sociedade, ou seja, intimamente ligada ao ideal do protagonismo do aluno sob a mediação do professor.

Metodologias ativas na educação

Refletir acerca do cenário educacional no contexto atual é sobretudo reconhecer as mudanças, e é nesse contexto fluído que as metodologias ativas estão sendo cada vez mais discutidas.

Concepções anteriores já apresentavam visões pautadas na compreensão do sujeito levando em consideração aspectos diversos, sobretudo o protagonismo do aluno, autores como Dewey (1978), influenciou de forma direta o movimento da Escola Nova que teve início no começo do século XX e defendia com afinco a ideia de renovação na educação.

De acordo com Lourenço Filho (1978), um dos autores representativos do movimento da Escola Nova a educação não podia ser pautada na mera reprodução mecânica e propunha uma que a escola pública fosse gratuita, laica e sobretudo acondicionada a uma prática pedagógica em que o educando estivesse no centro das reflexões no seu processo formativo.

Além de defender que o ensino e aprendizagem no cenário educativo deveria levar em conta questões relativas a subjetividade dos sujeitos, assim como, o meio em que estavam inseridos.

Ainda tratando do cenário educacional, Bandura (2008) apresenta uma contribuição substancial quando tratamos da teoria social cognitiva, o mesmo inaugura o modelo triádico apresentando os modos de ação individual, delegada e coletiva.

Além de discutir a relação dos eventos cognitivos e do ambiente externo no comportamento, todas essas questões são exemplificadas levando em consideração a educação e os processos de ensino e aprendizagem.

Nesse mesmo contexto, Bruner (1973), defende a ideia de que é possível ensinar a uma criança qualquer assunto de maneira intelectualmente honesta, levando em consideração sobretudo as diversas etapas do desenvolvimento intelectual.

Priorizando o processo de descoberta a partir de diferentes níveis de profundidade em que os alunos possam enxergar problemas que possam ser pensados e resolvidos proporcionando uma aprendizagem significativa.

Além do interacionismo de Vygotsky que já apresentava visões pautadas na compreensão do sujeito levando em consideração aspectos diversos, especialmente o protagonismo do aluno.

Quando nos referimos ao protagonismo do aluno e na formação crítica é válido salientar que Freire (1996), já ressaltava a necessidade de uma educação que propiciasse a autonomia dos educandos, e, que para além disso, entendesse a educação como processo de troca sem relações hierárquicas que apresentassem o professor como o centro do processo e único detentor do saber.

O processo de ensino e aprendizagem só se torna realmente significativo quando passa a fazer sentido para o aluno, explicar o conteúdo de forma genérica sem a preocupação em relacionar com o que o aluno já sabe, se torna uma prática cada vez menos eficiente.

Justamente por isso as metodologias ativas estão cada vez mais focadas em apresentar a necessidade de relacionar o ensino e aprendizagem com o contexto do aluno, conforme aborda Moreira (1982), em sua obra *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*: “[...] aprendizagem

significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo” (p.07).

A aprendizagem significativa se torna o ponto de partida para legitimar uma prática pedagógica que leve em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, visto que é a partir destes conhecimentos já adquiridos ao longo da vida que as novas conexões se tornam possíveis, ativando assim os subsunçores¹.

O esquema abaixo elucidada a aprendizagem mecânica e a aprendizagem significativa, é válido reforçar que de acordo com Moreira (2012) o processo de aprender ocorre em sua maioria na zona cinza, assim não existe uma dicotomia entre os tipos de aprendizagem mencionadas pois, a aprendizagem significativa é progressiva.

¹ São os conhecimentos prévios definidos por David Ausbel como subsunçor, ou seja, estruturas do conhecimento que podem assumir um nível mais ou menos abrangente de acordo com a intensidade da aprendizagem significativa.

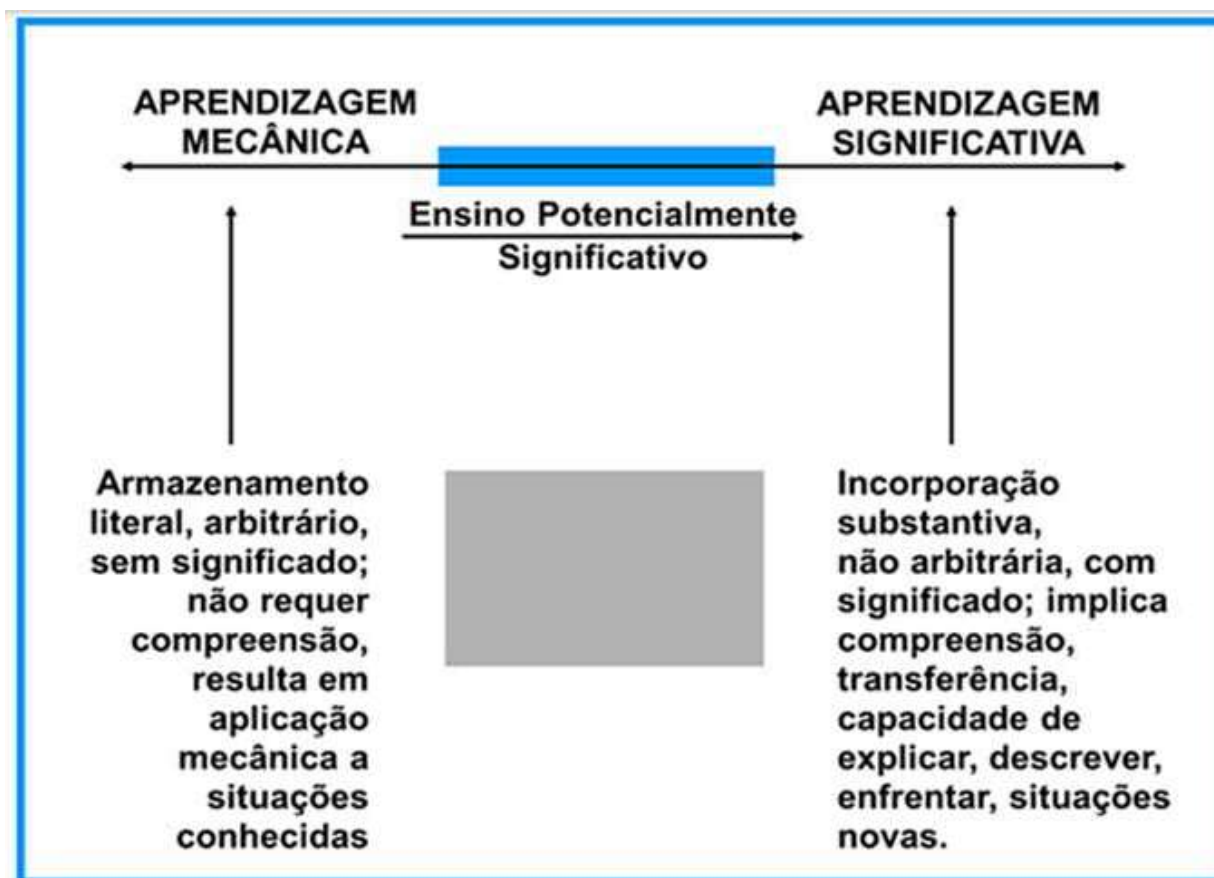


Figura 1.1: Aprendizagem Mecânica-Aprendizagem Significativa, (MOREIRA, 2012, p, 04).

Nesse sentido, a inserção do aprendiz como protagonista do seu processo de ensino aprendizagem, está intimamente relacionado com a responsabilidade docente em compreender o percurso já percorrido pelo aprendiz, alinhado ao planejamento, aplicação e avaliação.

Sobretudo, quando se trata da educação de jovens e adultos em que as vivências anteriores assumem um papel fundamental na construção da aprendizagem desses sujeitos.

Nas abordagens metodológicas ativas o docente precisa falar a mesma linguagem do aluno, linguagem essa que está em constante mudança reflexo de relações sociais cada vez mais fluidas.

Metodologias ativas: diferentes abordagens e o papel da curiosidade

Na última década, as discussões acerca das metodologias ativas afloraram não só para atender as demandas sociais existentes, mas para contribuir no processo de transformação da educação, que até então, tem-se a concepção obsoleta, estática e fragmentada.

O que vai ao encontro das afirmações de Moran (2007), quando considera que a educação necessita ser redesenhada por combinações onde integre a proatividade, mediação, espaços, tempos e estratégias para oferecer as melhores experiências de aprendizagem, sob uma gestão mais participativa e aberta.

Assim, a educação precisa estar configurada para desenvolver nos sujeitos habilidades necessárias para a vivência prática, justamente por isso o ato educativo não deve estar dissociado da realidade dos estudantes, essa aproximação com a vida cotidiana contribui de forma direta com o processo de ensino e aprendizagem.

Assim sendo, torna-se essencial a compreensão docente e discente acerca da abordagem metodológica ativa utilizada no processo de construção dos conhecimentos e habilidades, a clareza dos processos se torna fundamental para uma prática assertiva. Neste sentido Berbel (2011), salienta que:

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras (p. 28).

De acordo com o enunciado fica evidente a necessidade da percepção docente para com o discente, esse aspecto desencadeia um processo de engajamento coletivo que é uma das principais premissas quando falamos em metodologias ativas.

Sob o mesmo ponto de vista a referida autora aborda que são muitas as possibilidades de metodologias ativas, tais como: Estudo de caso, metodologia de projetos, aprendizagem baseada em problemas, teoria da problematização com o arco de Maguerez e sala de aula invertida.

No estudo de caso podem ser trabalhados casos reais ou fictícios em que os estudantes terão a possibilidade de ter contato com situações que podem ser efetivamente vivenciadas na sua realidade cotidiana ou profissional de forma prévia.

Metodologia de Projetos, articulando da forma mais próxima possível os alunos da realidade por meio de projetos pensados a partir de problemáticas vinculadas à realidade, além de engajar o aluno em pesquisa, ensino e extensão.

Aprendizagem baseada em problemas, ainda de acordo com Berbel (2011), esta foi introduzida no Brasil inicialmente no ensino superior, mais especificamente nos currículos de medicina, a referida metodologia trabalha com problemas que são propostos ao alunos para que consigam apresentar a resolução por meio de um processo que envolve a mediação do professor, além de pesquisas científicas que possam trazer subsídio para as resoluções, os problemas são direcionados pelos os professores levando em consideração as habilidades, competências e conhecimentos que devem ser construídos pelo discente.

Já a teoria da Problematização com o arco de Magueres, Berbel (2011), elenca que o discente inicia com a observação da realidade, para realizar a observação e levantamento de situações problema passíveis de aprofundamento, posteriormente são levantados os pontos chaves, para que se busque uma maior compreensão destes, seguidos da teorização em que se discute todos os aspectos levantados, posteriormente são formuladas as hipóteses de solução que darão conta de propor soluções para as problemáticas inicialmente levantadas a partir da observação da realidade, por fim, a aplicação a realidade em que os discentes retornam ao contexto inicialmente observado efetivar o processo, é válido reforçar que todos os passos contam com a mediação do professor.

Por fim, a autora traz a sala de aula invertida que se dá por meio de uma organização específica dos docentes e discentes, visto que nessa metodologia os docentes devem orientar a leitura dos materiais que serão utilizados na aula de forma prévia, para que os discentes possam ter contato com antecedência a aula ao material e já se familiarizar com a discussão, pois a sala de aula torna-se um espaço de discussão de ideias e esclarecimento de dúvidas.

Essas são apenas algumas das metodologias ativas existentes no universo que circunda a prática docente, é válido salientar que as metodologias ativas priorizam um processo de avaliação formativa em que o aluno se torna o centro do processo de ensino aprendizagem.

Conforme assevera Berbel (2011), “a complexidade crescente dos diversos setores da vida [...] tem demandado o desenvolvimento de capacidades humanas de pensar, sentir e agir de modo cada vez mais amplo

e profundo” (p.25). Dessa forma, a escola deve se comprometer com o desenvolvimento deste tipo de habilidade nos sujeitos.

Ademais, é válido mencionar a curiosidade como fundamental para a formação ativa dos estudantes visto que é a partir da curiosidade que surge a busca, seja pelo conhecimento e por respostas até então inexistentes, Hassmann (2004), aponta a curiosidade como estritamente relevante para o desenvolvimento dos sujeitos, podemos afirmar que as metodologias ativas instigam a curiosidade justamente por priorizar a busca e o protagonismo do estudante durante o processo de formação.

Outrossim, na perspectiva tradicional de educação a curiosidade e o questionamento nunca tiveram espaço, deste modo, muitos sujeitos foram silenciados pela escola ao longo de sua formação, no contexto atual os resquícios deste modelo ainda são visíveis, justamente por isso é tão necessário discutir as metodologias ativas como contribuintes diretas para o processo de transformação da educação.

Ainda de acordo com Hassmann (2004), é necessário que as escolas tenham como premissa estimular a curiosidade dos estudantes, pois só assim o processo de ensino e aprendizagem se tornará efetivamente significativo, por meio da satisfação e alegria.

Conclusão

Podemos concluir que as metodologias ativas contribuem de forma direta com o processo de transformação da educação, levando em consideração aspectos relativos aos próprios fundamentos das referidas

metodologias, visto que priorizam de forma direta o protagonismo dos discentes no processo de ensino e aprendizagem.

A escola precisa formar sujeitos cada vez mais críticos e criativos para lidar com as situações complexas que são emergentes no contexto social, conseqüentemente a prática docente precisa ser reformulada para atender a realidade emergente, as metodologias ativas são instrumentos efetivamente eficazes quando nos referimos ao planejamento docente que se preocupa em colocar o aluno no centro do processo, mas é importante reforçar que devem ser compreendidas por docentes e discentes só assim ocorrerá efetivamente transformações positivas na educação.

Não é possível pensar em metodologias ativas sem pensar o todo complexo e dinâmico que é a escola, a aplicabilidade das mesmas não se limita ao planejamento docente pois abrange um processo de transformação muito mais amplo que inicia na escola e conseqüentemente transcende os muros desta, visto que os sujeitos que estão nesse espaço fazem parte da sociedade, assim conseqüentemente a transformam.

É impossível pensar a escola dissociada da sociedade, justamente por isso as metodologias ativas buscam formar um sujeito que é plural que seja capaz de mobilizar as ferramentas necessárias para resolver situações complexas do cotidiano, significando o processo de ensino aprendizagem por meio de um processo que valoriza os conhecimentos prévios dos sujeitos e sobretudo o contexto em que estão inseridos, visto que esses aspectos são essenciais para tornar a aprendizagem significativa e para que esta tenha também o poder de transformação oriundo do protagonismo dos alunos.

Por conseguinte, o ano de 2020 ficará marcado na história da humanidade como um período em que o mundo tomou ciência de um vírus que mudou o curso de várias esferas da sociedade, sobretudo da educação.

De forma abrupta as escolas tiveram que transferir as aulas presenciais para modelos remotos, síncronos ou assíncronos, essa mudança repentina reflete diretamente na rotina do professor e sobretudo no planejamento do mesmo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 137, maio/ago.2009.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRUNER, Jerome Seymour. *Uma Nova Teoria de Aprendizagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Bloch. 1973b. 162 p.

DEWEY, John. *Vida e educação*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____, Paulo. *Pedagogia do oprimido*: 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

HASSMANN, Hugo. *Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem criativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. *Introdução ao estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia contemporânea*. - 12ª ed. - São Paulo: Melhoramentos, 1978.